



AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS SOBRE A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NÃO PADRÃO EM BACABAL-MA

João Vitor Cunha Lopes¹

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

RESUMO

Com o intuito de ampliar os estudos sobre o fenômeno de concordância nominal no português brasileiro, fundamentando-se nos pressupostos da Análise do Discurso francesa (PÊCHEUX, 1997 [1969]), a partir das noções de formações imaginárias, este artigo apresenta uma análise de dois discursos produzidos acerca da concordância não padrão em sequências discursivas extraídas de uma amostra de fala da cidade de Bacabal – MA. O objetivo central deste estudo é evidenciar quais as formações imaginárias presentes nos discursos metalinguísticos de bacabalenses sobre a concordância nominal de número não padrão. As análises discursivas explicitaram um jogo de imagens em torno do fenômeno abordado. Dos discursos analisados, sobressai-se a defesa de uma homogeneidade linguística. Isso decorre da não aceitação da concordância não padrão, considerada, por sua vez, um “erro” ou um “vício de linguagem”.

Palavras-chave: Concordância Nominal de Número; Análise do Discurso; Formações Imaginárias.

ABSTRACT

In order to expand the studies on the phenomenon of nominal agreement in Brazilian Portuguese, based on the assumptions of French Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1997 [1969]), based on the notions of imaginary formations, this article presents an analysis of two speeches produced about non-standard agreement in discursive sequences extracted from a speech sample from the city of Bacabal – MA. The main objective of this study is to show which imaginary formations are present in the metalinguistic discourses of Bacabalians about the nominal agreement of non-standard numbers. The discursive analyzes made explicit a game of images around the approached phenomenon. From the analyzed speeches, the defense of a linguistic homogeneity stands out. This results from the non-acceptance of non-standard agreement, considered, in turn, as an “error” or a “language addiction”.

Keywords: Nominal Number Agreement; Speech analysis; Imaginaries Formations.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A discussão sobre a variação linguística revela muitas posições distintas acerca de uma língua, seja na mídia, nas redes sociais, no meio acadêmico, ou mesmo no cotidiano das pessoas. Isso decorre, naturalmente, das diferenças sociais, culturais, bem como das hierarquizações estabelecidas nas sociedades. Geralmente, essas discussões enquadram-se na defesa de dois grandes eixos teóricos: de um lado, há aquelas que defendem a homogeneidade da língua; do outro, há aqueles se colocam na defesa da heterogeneidade.

¹ É mestrando em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atualmente, é professor substituto na UEMA (Campus Lago da Pedra/ Campus Pedreiras). E-mail: joaovitorcunhalopes@outlook.com



A partir dessa dualidade, surgem os mais diversos discursos acerca do que é aceitável ou não na língua, sobre o certo e o errado, sobre o preconceito linguístico, entre outros debates. Camacho (2013), ao tratar sobre o evento bíblico da torre de babel, apresenta a hipótese de que a dificuldade de se aceitar a existência da variação estaria diretamente ligada ao castigo divino imposto sobre os homens, causa da diversidade linguística. Dessa forma, um indivíduo ou um grupo, devido a essa memória, tenderia a promover a diminuição da diversidade linguística.

Na contramão desse ideal homogeneizador linguístico, presente tanto no imaginário popular quanto em teorias linguísticas, a Sociolinguística Variacionista surge para romper com o formalismo tradicional (SAUSSURE, 1969 [1916]; CHOMSKY, 1978 [1965]; 2018 [1957]), e, de forma sistemática, investigar as variações linguísticas com o intuito inicial de apresentar as regularidades linguísticas em situações reais de uso da língua – os padrões sociolinguísticos – considerando a atuação de aspectos linguísticos e sociais. Nessa perspectiva de análise, o conceito de variável linguística² é central nos estudos. Essa subárea da Linguística tem como maior representante o pesquisador William Labov, responsável por propor os principais pressupostos teórico-metodológicos (LABOV, 2008[1972]).

No Brasil, a variação na concordância nominal de número entre os elementos do sintagma nominal - como em “os ministros” vs. “os ministroØ” – é um dos fenômenos variáveis mais estudados. Essa variável linguística apresenta duas variantes: a concordância nominal padrão (marcação redundante de plural) e a concordância nominal não padrão (não marcação redundante de plural), conforme os exemplos citados acima.

Diversos estudos sociolinguísticos variacionistas³ têm mostrado que, na modalidade falada do português brasileiro, a concordância nominal de número não padrão, uma variante fortemente estigmatizada⁴, está presente na fala espontânea de todos os indivíduos, em maior ou menor frequência, independentemente de classe social ou escolaridade, caracterizando-se como um fenômeno intrínseco da variedade brasileira. Isso significa que nem sempre a marcação de plural ocorrerá em situações reais de fala, ainda que as gramáticas normativas (BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2011) apresentem a concordância nominal de número como um fenômeno de natureza redundante e obrigatória, em que os elementos dispostos dentro de um sintagma nominal (doravante SN) devem se harmonizar, mantendo uma relação de flexão com os elementos de que são dependentes, ou seja, no caso do plural, devem ter a marca explícita de plural em todos os elementos flexionáveis.

Ao proporem bases empíricas para o estudo da mudança linguística, Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968]) tratam sobre cinco⁵ problemas a serem resolvidos. Dentre eles, está o Problema da Avaliação, que diz respeito à investigação de correlatos subjetivos e níveis de consciência social que os falantes têm de variáveis linguísticas. Esse exame da avaliação linguística

² Segundo Labov (2008 [1972], p. 93), uma variável “indica um foco de distribuições significativas dentro da unidade, condicionando aquilo que, de outro modo, seria considerado variação livre ou não condicionada”

³ Ver, p. ex., Braga, 1977; Scherre, 1988; Carvalho, 1997; Fiamengui, 2011; Oushiro, 2015; Teixeira, 2017; Lopes, 2020, entre outros.

⁴ Scherre (2005, p. 20) afirma que “quem deixa de fazer concordância de número é normalmente chamado de burro, ignorante, porque, afirma-se, ‘não sabe falar’”.

⁵ O Problema dos Fatores Condicionantes, o Problema da Transição, o Problema do Encaixamento, o Problema da Avaliação e o Problema da Implementação. Ver Weinreich, Labov, Herzog (2006 [1968], p. 121-126).



permite observar, por exemplo, em que medida um falante é consciente da utilização de determinadas variantes linguísticas, bem como suas crenças, atitudes e opiniões acerca dessas variantes.

Recentemente, em um estudo preliminar sobre a fala bacabalense, Lopes (2020)⁶ investigou, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008[1972]), a restrição das variáveis linguísticas e sociais que se correlacionam à realização de concordância em sintagmas nominais simples na fala de 12 informantes dessa cidade. Neste estudo, o referido autor realizou o primeiro passo da investigação sobre a relação entre a variação linguística e sociedade quando correlacionou uma variável sociolinguística a outras variáveis de natureza linguística e social, o Problema do Encaixamento.

Com o intuito de ampliar os estudos sobre o fenômeno de concordância nominal no português brasileiro, sob outra perspectiva teórica, fundamentando-se nos pressupostos da Análise do Discurso francesa (PÊCHEUX, 1997 [1969]), o presente estudo tem o interesse central de analisar os discursos metalinguísticos produzidos por informantes bacabalenses nas entrevistas sociolinguísticas coletadas por Lopes (2020), especificamente os discursos produzidos na parte final das entrevistas, momento em que o pesquisador trata sobre avaliação de algumas variantes linguísticas, entre elas, a concordância nominal, a fim de responder à seguinte questão: quais as formações imaginárias presentes nos discursos metalinguísticos de bacabalenses sobre a concordância nominal de número não padrão?

Este artigo está organizado da seguinte maneira: além desta introdução, a seção seguinte faz uma brevíssima apresentação da Análise do Discurso e das noções de formações imaginárias. Em seguida, o corpus e os métodos são apresentados. Na seção subsequente, apresenta-se a análise dos discursos bacabalenses. Este artigo se encerra com algumas considerações finais e com a apresentação das referências que subsidiaram a pesquisa.

1 A ANÁLISE DO DISCURSO E AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS

No século passado, especificamente nos anos 60, a perspectiva francesa da Análise do Discurso se constitui, de uma forma interdisciplinar, dentro de uma relação que preconiza a união entre aspectos linguísticos e sociais. Os pressupostos da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise foram essenciais para a implementação desse campo de estudo (BRANDÃO, 2006; ORLANDI, 2020). No entanto, a Análise do Discurso não se rende às noções estabelecidas nesses campos de conhecimento, mas evidencia algumas lacunas com o intuito de estabelecer, desse modo, os próprios pressupostos teóricos e definir o seu objeto de estudo, o discurso. Por isso, esse campo de estudo “interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia [...]” (ORLANDI, 2020, p. 18).

Em outras palavras, a Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa, através da convergência entre esses campos, desenvolve uma nova perspectiva de estudos cujo objeto é o discurso. Essa nova perspectiva entende que, diferentemente da perspectiva clássica de comunicação que pressupõe a transmissão de informação, o funcionamento da linguagem

⁶ Nesse estudo de produção linguística, o autor se propõe a analisar quantitativamente as realizações variáveis de concordância nominal obtidas por meio de entrevistas sociolinguísticas. Lopes (2020) constatou a existência da variação na realização da concordância nominal de número, com um favorecimento maior da concordância não padrão entre os informantes mais velhos e os menos escolarizados.



pressupõe uma correlação de sujeitos e sentidos construídos pelos processos linguísticos e históricos (ORLANDI, 2020). Pêcheux (1997 [1969]), um dos expoentes da AD de linha francesa, foi o primeiro que elaborou, a partir do esquema “informacional” desenvolvido por Jakobson, o conceito de condições de produção do discurso⁷, um dos pressupostos centrais da AD. Esse esquema pressupõe a existência de fatores integrantes (destinador, destinatário, mensagem, referente, código e canal) de todos os processos linguísticos (PÊCHEUX, 1997 [1969]):

O destinador envia uma mensagem ao destinatário. Para ser operante, a mensagem requer antes um contexto ao qual ela remete (é isto que chamamos também, em uma terminologia um pouco ambígua, o ‘referente’, contexto apreensível pelo destinatário e que é verbal ou suscetível de ser verbalizado; em seguida a mensagem requer um código, comum, ou ao menos em parte, ao destinador e ao destinatário (ou, em outros termos, ao codificador e ao decodificador da mensagem. A mensagem requer, enfim, um contacto, um canal físico ou uma conexão psicológica entre o destinador e o destinatário, contacto que permite estabelecer e manter a comunicação (JAKOBSON, 1963, p. 213-214 *apud* PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 81)

Ao pensar a noção de discurso e as condições de produção do discurso, Pêcheux (1997 [1969], p. 82) compreende que aquilo que é veiculado entre os elementos A (destinador) e B (destinatário) do esquema descrita acima não se trata “de uma transmissão de informação”, mas sim “de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B. Além disso, Pêcheux (1997 [1969]) deixa claro que os elementos A e B não são representações físicas de pessoas, mas sim representações de lugares estabelecidos dentro de uma estrutura social. Nessa acepção, nas palavras de Orlandi, entende-se as relações de linguagem como sendo as “relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2020, p. 20).

Com base nessa reformulação, Pêcheux (1997 [1969]) desenvolve ainda o conceito de formações imaginárias. Para ele, o que acontece nos processos discursivos “é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 82). A implementação desse pressuposto revela que há, em qualquer estrutura social, regras que estabelecem correlações entre situações objetivas e lugares que representam essas situações. As imagens dizem respeito às projeções realizadas no discurso.

Nas palavras de Orlandi (2020, p. 38), “são essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição”. Desse modo, por meio dessa reformulação teórica, Pêcheux (1997 [1969]) conclui que todo processo discursivo pressupõe a existência das seguintes formações imaginárias:

Expressão que designa as formações imaginárias	Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
------------------------------------------------	---------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------

⁷ Segundo Orlandi (2020, p. 38), as condições de produção do discurso, “implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário”.



A	IA (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A	“Quem sou eu para lhe falar assim?”
	IA (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A	“Quem é ele para que eu lhe fale assim?”
B	IB (B)	Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B	“Quem sou eu para que ele me fale assim?”
	IB (A)	Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B	“Quem é ele para que me fale assim?”

Fonte: Adaptado de Pêcheux (1997 [1969], p. 83)

Esse quadro apresenta uma descrição da posição dos sujeitos no discurso. Pêcheux (1997 [1969]) acrescenta ainda o papel que o referente (contexto) tem nos processos discursivos. Para ele, o referente (R) é “um objeto imaginário (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 83).

Expressão que designa as formações imaginárias		Significação da expressão	Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente
A	IA (R)	“Ponto de vista” de A sobre R	“De que lhe falo assim?”
B	IB (R)	“Ponto de vista” de B sobre R	“De que ele me fala assim?”

Fonte: Adaptado de Pêcheux (1997 [1969], p. 84)

Diante do exposto até aqui, depreende-se dessas relações entre os sujeitos e as posições ocupadas na sociedade um jogo de imagens que produz diversos discursos (realizados, imaginados, possíveis). As formações imaginárias, por sua vez, manifestam-se no discurso por meio de alguns mecanismos de funcionamento, a saber: a relação de sentidos, a antecipação e a relação de forças. O primeiro mecanismo diz respeito ao fato de não existir um discurso que não mantenha relação com outros. Em outros termos, é um processo contínuo de produção de sentidos, pois “os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros” (ORLANDI, 2020, p. 37). Exemplificando, um professor, ao ministrar uma aula, ainda que não cite os autores que embasam a sua fala, entende-se que o seu discurso é perpassado por outros discursos.

Em relação à antecipação, entende-se que, como o próprio termo sugere, o locutor A antecipa-se ao interlocutor B quanto aos sentidos que as suas palavras podem produzir, fundamentando, desse modo, a sua argumentação. Segundo Pêcheux (1997 [1969], p. 83), “como se trata, por hipótese, de antecipações, deve-se observar que esses valores precedem eventuais ‘respostas’ de B, vindo sancionar as decisões antecipadoras de A”. A título de exemplo, ao preparar



uma aula, um professor pode projetar os efeitos de sentido que as suas aulas poderão produzir em seus alunos.

Por fim, a noção de relação de forças está diretamente ligada ao lugar de onde um sujeito produz o seu discurso. “Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2020, p. 37). Dessa maneira, a ideia que subjaz esse mecanismo sustenta que o discurso produzido por um sujeito depende do lugar em que ele está (a posição que ele ocupa na sociedade), ou seja, em relação ao discurso, um sujeito que exerce a função de professor terá uma determinada autoridade sobre os alunos, por outro lado, esses alunos, ocupando um outro lugar na sala de aula, não têm tal autoridade.

Em face do exposto, pode-se afirmar que, conforme Pêcheux (1997 [1969]), o imaginário é um elemento constitutivo dos processos discursivos. Além disso, reconhece-se que as imagens não se constroem sem haver relações entre os protagonistas do discurso e os processos linguísticos, sociais e históricos. Assim, ancorado nas noções de formações imaginárias de Pêcheux (1997 [1969]), este trabalho se propõe a analisar as formações imaginárias acerca da concordância nominal não padrão que emergem dos discursos de bacabalenses. Na seção seguinte, o corpus e os métodos são apresentados.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em relação aos procedimentos metodológicos, empreendeu-se uma análise qualitativa, bibliográfica e discursiva. No que tange à materialidade discursiva, constitui-se o *corpus* a partir de uma amostra de fala de entrevistas sociolinguísticas. A amostra construída por Lopes (2020) é constituída por 12 entrevistas com informantes que nasceram em Bacabal, ou que se mudaram para a cidade com até 3 anos de idade. Os informantes dessa amostra foram estratificados de acordo com o seu sexo/gênero, três faixas etárias (18 a 30 anos; 31 a 49 anos e 50 anos ou +) e sua escolaridade (ensino médio e ensino superior). O roteiro utilizado nas entrevistas segue o modelo tradicional da Sociolinguística Variacionista LABOV, 2008[1972]). Na primeira parte do roteiro, encontram-se perguntas sobre assuntos gerais, como o bairro em que o falante reside, sua infância, sua família, entre outros.

A segunda parte do roteiro compreende perguntas relacionadas especificamente à cidade de Bacabal, bem como avaliações sobre algumas variantes linguísticas, como a concordância nominal de número não padrão. Após a audição das 12 entrevistas, duas entrevistas foram selecionadas, em seguida, para compor o *corpus* deste estudo, foram extraídas as sequências discursivas suscitadas a partir da seguinte pergunta: “O que você acha desse modo de falar: ‘me dá dois pão’?”. Como critério de seleção, estabeleceu-se a escolha das entrevistas que mais apresentaram material linguístico, desse modo, foram selecionadas as entrevistas em que os informantes realizaram mais comentários acerca do fenômeno linguístico. Em seguida, apresenta-se a análise dos discursos bacabalenses.

3 AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS PROJETADAS ACERCA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NÃO PADRÃO

O trecho transcrito a seguir foi retirado da primeira entrevista selecionada, conforme o critério descrito acima. O informante AndersonF (pseudônimo) tem ensino superior completo (Administração) e se enquadra na faixa etária de 18 a 30 anos. A escolha se deu, conforme explicado



anteriormente, pela quantidade de materialidade linguística que se refere à concordância nominal não padrão.

EXCERTO 1 – ANDERSONF

01 **D1**⁸: [...] o que você acha desse modo de falar eh “me dá dois pão”?
02 **S1**: aí é assim eh ah aí varia muito né hum então eh às vezes é... às vezes o cara está com
03 preguiça de de falar o correto ou ou pela localidade que ele está ele acha que eh a maneira mais
04 fácil da pessoa entender e varia também às vezes porque o cara não teve uma oportunidade de
05 realmente saber eh a a maneira correta de falar... né às vezes eu eu mesmo até no no serviço
06 eu evito utilizar algumas palavras porque eu sei que as pessoas não vão entender... né então eu
07 procuro um um linguajar mais coloquial uma coisa mais para o momento
08 certo que esse é um erro é um erro de de de português bem... bem típico né
09 **D1**: como você acha assim que deveria ser?
10 **S1**: ah isso cara va/varia muito da educação eh... principalmente do ensino de base né... por
11 que se tu não aprende no/na base tu vai vai levando aquilo até até o final e hoje cara infelizmente
12 humhum na maioria das escolas pelos menos uma ou outra que eu tenho contato às vezes o
13 aluno passa sem aprender... num eh ele passa de ano mas acaba não aprendendo nada e
14 principalmente a a as disciplina que mais acaba afetando é português e matemática num é eu
15 acho que é um dos problemas também que que acaba repercutindo nisso aí
16 **D1**: então você acha errado “me dá dois pão”?
17 **S1**: “me dá dois pão” é é errado
18 **D1**: como você acha que seria o correto?
19 **S1**: “me dê dois pães”
20 **D1**: eh A eh assim... eh você fala desse modo?
21 **S1**: não não eu procuro evitar esse esse tipo de erro apesar de de como eu falei existem algumas
22 palavras que eu evito utilizar né em em determinado determinado local justamente porque eu sei
23 que as pessoas não irão eh consegui entender mas esse tipo de de erro eu não costumo cometer não

Na linha 02, ao responder à pergunta do entrevistador, há uma clara tentativa de não indicar, de imediato, quem poderia utilizar a expressão linguística em destaque “*me dá dois pão*” por meio da palavra “*varia*” (dando a entender que os motivos são diversos), embora a pergunta não questionasse quem poderia utilizar tal expressão, pelo contrário, a pergunta se refere à expressão, à forma, colocada de forma implícita, concordância nominal não padrão. Aqui, percebe-se a utilização do mecanismo de antecipação por parte do informante (destinador A), por meio do imaginário, “*Quem é ele para que eu lhe fale assim?*” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 83), antecipando os efeitos de sentido que o seu discurso poderia produzir no entrevistador (destinatário B), percebendo o teor das perguntas, bem como a posição do entrevistador dentro da universidade.

Na linha 03, ele apresenta uma justificativa para o uso da expressão, evidenciando que é uma forma incorreta de falar “*preguiça de de falar o correto*”, sendo assim, talvez, uma suposta indisposição do falante ou uma forma apropriada para determinados contextos, definidos “*pela localidade*”, pois seria uma “*maneira mais fácil / da pessoa entender*”, linha 04. Ainda na linha 04, ele utiliza mais uma vez o termo “*varia*” e coloca que a falta de oportunidade talvez seja o motivo para o falante produzir a expressão sem a concordância, uma oportunidade de “*realmente saber eh a a maneira correta de falar*”, linha 05.

⁸ O documentador (entrevistador) é representado pela sigla **D1** e o informante é representado pela sigla **S1**.



Como se percebe, nesse trecho, em momento algum, o entrevistador pergunta sobre a possibilidade ou impossibilidade de uso da expressão “*me dá dois pão*”, muito menos se essa forma linguística seria utilizada por indivíduo A ou B, escolarizado ou não. Nota-se que o referente estabelecido pelo entrevistador é a expressão, no entanto, a imagem que o informante (destinatário B) produz do referente enunciado pelo entrevistador (destinador A) é diferente. A pergunta de Pêcheux (1997 [1969], p. 84), “*De que ele me fala assim*” evidencia o efeito de sentido que a imagem estabelecida por AndersonF produziu em relação ao referente enunciado pelo entrevistador, a saber: um falante não escolarizado ou com uma má formação escolar.

Em seguida, nas linhas 05, 06 e 07, ele relata que, “*no serviço*”, abstém-se de utilizar algumas palavras que podem não ser compreendidas. Por isso, ele procura um “*linguajar mais coloquial*” que se adeque ao momento. Supõe-se, aqui, que ele esteja se referindo a termos técnicos da Administração. Esses trechos revelam a imagem que o informante tem dele mesmo, nos termos de Pêcheux (1997 [1969], p. 83), “*Quem sou eu para lhe falar assim?*”. Ele deixa bem evidente que, de certa forma, é consciente dos processos linguísticos, por isso consegue adequar os seus usos linguísticos a depender da situação comunicativa. Em seguida, na linha 08, AndersonF afirma que, de forma remissiva, “*me dá dois pão*” é um erro bem típico de português. Um erro que ele não cometeria, conforme será explorado mais adiante.

Ao ser perguntado sobre como deveria ser a expressão, ele desvia do propósito da pergunta. Dá-se a entender que ele não sabia como responder. Na linha 10, mais uma vez, ele utiliza o termo “*varia*” e a sua resposta se direciona às possíveis causas para a realização da concordância não padrão. Segundo ele, o problema está na educação, especificamente na base, nos anos iniciais. Continuando, nas linhas 11, 12 e 13, o informante é enfático ao afirmar que, pelos menos nas escolas que ele conhece, o aluno progride no sistema educacional sem aprender de fato, “*ele passa de ano mas acaba não aprendendo nada*”, linha 13.

Nas linhas 14 e 15, ele focaliza ainda mais o problema e diz que os alunos ficam mais prejudicados nas disciplinas Língua Portuguesa e Matemática. Diante dessas respostas do informante, fica nítida a atribuição do que para ele seria problema, não realizar a concordância padrão (implícito), ao fato de uma pessoa não ter uma escolaridade adequada, além de considerar a educação atual muito falha.

Mais adiante, na linha 16, o entrevistador pergunta: “*então você acha errado “me dá dois pão”?*”. Na linha 17, o informante responde repetindo o fenômeno “*me dá dois pão*”(como se estivesse dando uma pausa para pensar) e afirma que é errado. Então, na linha 18, o entrevistador pergunta “*como você acha que seria o correto?*”. AndersonF responde colocando a marca do plural e modificando a conjugação do verbo (talvez tenha sido o motivo da demora, a dúvida com o verbo): “*me dê dois pães*”. Nas últimas linhas do excerto, o informante responde à última pergunta do entrevistador: “*eh A eh assim... eh você fala desse modo?*”. De imediato, ele responde de forma repetida “*não não*”, pois ele procura evitar “*esse tipo de erro*”, justamente por entender que a adequação dos usos linguísticos é importante. Nota-se, no entanto, que ele não se exime do uso da concordância não padrão, mas ressalta que não faz uso dessa variante de forma costumeira.

Além disso, AndersonF enfatiza que não tem o costume de cometer esse tipo “*erro*” (concordância não padrão). Mais uma vez, pode-se depreender do imaginário do informante enquanto sujeito do discurso a sua própria imagem, deixando mais evidente a resposta da pergunta “*Quem sou eu para lhe falar assim?*” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 83). Dessa maneira, supõe-se que, diferentemente do falante indicado, o não escolarizado ou com uma má formação escolar, o informante estaria em um lugar social ocupado pelas pessoas que não cometem esse tipo de “*erro*”



de forma recorrente, “os letrados”, ou seja, hipoteticamente, estes são os efeitos de sentido produzidos: “é o outro que comete esse tipo de erro recorrentemente”, “eu não pertencço ao grupo que comete tal erro recorrentemente”.

Presume-se ainda dessa análise, a presença do mecanismo de relação de forças, preconizado pela imagem que um sujeito com uma alta escolarização faz de um sujeito com pouca escolarização. O excerto a seguir foi retirado da segunda entrevista selecionada. A informante DanielaF (pseudônimo) tem ensino superior completo (Matemática) e se enquadra na faixa etária de 50 anos ou mais.

EXCERTO 2 – DANIELAF

1 **D1:** eh e assim o que a senhora acha desse modo de falar por exemplo... “me dá dois pão”?

2 **S1:** pois é eh isso é chamado são vícios de linguagens né

3 **D1:** hum

4 **S1:** é isso que eu te falei ainda agora as pessoas que eu convivo mais no meio educacional mas isso

5 também acontece no meio eu então eu já ia dizer “dois pães” né tudo que tiveram oportunidade mas

6 nem sempre todos aqueles que tem a oportunidade eles conseguiram se desvincular desses vícios

7 de linguagem porque eu conheço colega professora que ao invés de dizer “outro dia” chama “isturdia”...

8 **D1:** hum rum

9 **S1:** infelizmente num é então se torna um vício que precisa ser trabalhado mais mas acontece muito... 10

ele não é correto ma/mas faz entender

11 **D1:** hum

12 **S1:** o senhor da padaria vai entender

13 **D1:** entendi

14 **S1:** vai haver uma comunicação a linguagem não é correta... num é isso mas que vai haver uma

15 comunicação e a gente observa muito isso principalmente nos bairros e exatamente por causa né

16 desse êxodo

Na linha 02, ao responder à pergunta realizada pelo entrevistador na linha 01, DanielaF assevera que “me dá dois pão” se enquadra na categoria de “vícios de linguagens”. Dessa maneira, entende-se que ela trata a concordância não padrão como um desvio da norma padrão ou culta, tendo em vista que o sentido atribuído à expressão vício de linguagem está diretamente relacionado a um desvio da norma, seja padrão ou culta. Nas linhas 4, 5, 6 e 7, a informante ressalta que a concordância não padrão também “acontece” no meio educacional. Ainda relata que ela diria “dois pães” e afirma que todos aqueles que tiveram a “oportunidade” também produziram, entende-se, oportunidade de estudar. Todavia, ela comenta que nem “todos aqueles que tem a oportunidade eles conseguiram se desvincular desses vícios de linguagem”.

Nesses trechos, ela apresenta a sua própria imagem como sujeito do discurso, em uma posição social, se coloca dentro do contexto educacional, resposta dada que subentende a pergunta “Quem sou eu para lhe falar assim?” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p. 83). Além disso, também relata que já ouviu uma professora falar “isturdia” em vez de “outro dia”. Essa afirmação também indica a sua posição enquanto sujeito do discurso, na medida em que enfatiza que o outro, colega de profissão, produz tais vícios, não ela.

Tais informações carregam alguns efeitos de sentido em relação à concordância não padrão. O primeiro destaque a ser feito é em relação à imagem que a informante (destinatário B) produziu



do referente enunciado pelo entrevistador (destinador A). Assim como na outra entrevista, a pergunta de Pêcheux (1997 [1969], p. 84) *“De que ele me fala assim”*, auxilia na identificação do efeito de sentido que a imagem estabelecida por DanielaF produziu em relação ao referente enunciado pelo entrevistador, a saber: um falante escolarizado que comete vícios de linguagem. Dessa maneira, pode-se depreender alguns sujeitos por meio do discurso de DanielaF.

Primeiramente, o sujeito, o falante escolarizado que ela destaca pode cometer esses *“vícios de linguagem”*, como a própria informante coloca, por talvez ter tido uma má formação escolar, assim como acredita o informante AndersonF. Por outro lado, acredita-se, o sujeito apresentado pela informante pode ter tido uma boa formação, mas ainda sim continuar a usar tais vícios de linguagem. Na linha 09, ela lamenta o fato de esses vícios de linguagem serem recorrentes e, ainda, diz que eles precisam ser trabalhados. Nas linhas 10 e 12, a informante evidencia que a expressão *“me dá dois pão”* (expressão subentendida) não é correta, mas é entendida pelo interlocutor, *“o senhor da padaria vai entender”*. A informante, mesmo considerando a concordância não padrão errada, reconhece que a expressão cumpre a sua função comunicativa. Haverá, portanto, comunicação entre o cliente e o padeiro: *“vai haver uma comunicação a linguagem não é correta”*, linha 14.

Nas linhas 15 e 16, DanielaF traz uma informação, uma justificativa para a recorrente utilização dos vícios de linguagem apontados por ela, a ideia do *“êxodo”* rural. Em uma pergunta anterior à pergunta sobre a concordância nominal, o entrevistador a questiona se havia algum jeito de falar específico do bacabalense, ou seja, um modo de falar característico dos moradores da cidade de Bacabal. Ela disse que os bacabalenses têm *“o jeito de falar é diferente procura se explicar mais”*. Em seguida, ao ser questionada se havia diferença entre os bairros, a informante responde o seguinte:

01 **S1**: eu/eu vejo o seguinte porque principalmente nos temos em Bacabal uma população muito
02 que veio do êxodo rural...

03 **D1**: humrum

04 **S1**: há de convir comigo né (88 UDR) conflitos de terra então fez com que as pessoas

05 migrassem para a cidade então veio pessoas com sotaques diferentes modo de ser diferente

06 modo de agir diferente... aqueles que tiveram mais oportunidade de ir para a escola e tudo

07 eles foram se aprimorando

08 **D1**: entendi

09 **S1**: mas os outros que não infelizmente a gente observa isso... há uma diferenciação

Nas linhas 01 e 02, a informante afirma que muitas pessoas que compõem a população da zona urbana de Bacabal vieram da zona rural, houve *“conflitos de terra”*, linha 04, migração de pessoas com *“sotaques diferentes”*, *“modo de ser diferente”*, linha 05. Nas linhas 06 e 07, ela ressalta que aqueles que puderam ir à escola *“foram se aprimorando”*. Por outro lado, na linha 08, infere-se que, as pessoas que não tiveram acesso à escola não conseguiram tal aprimoramento. Interpreta-se então que *“há uma diferenciação”* nos bairros devido ao *“êxodo rural”*. Desse modo, retomando a discussão levantada em torno do excerto anterior sobre uma suposta justificativa para o uso da expressão *“me dá dois pão”*, DanielaF entende que a concordância não padrão pertence a um falar característico de pessoas que moram na zona rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A análise realizada ao longo deste artigo, a partir das noções de formações imaginárias de Pêcheux, permitiu responder à pergunta suscitada no início deste estudo: quais são as formações imaginárias nos discursos metalinguísticos de bacabalenses sobre a concordância nominal de número não padrão? Assim, ao se realizar essa análise discursiva, evidenciou-se um jogo de imagens, as formações imaginárias e os seus efeitos de sentido no discurso dos dois bacabalenses.

Por fim, em ambas as entrevistas, percebe-se a presença do mecanismo da relação de sentidos. Essas imagens acerca da concordância nominal não padrão não surgiram do nada, há todo um contexto social, histórico e político que garante a produção e a replicação dessas imagens que causam os mais diversos efeitos de sentido entre sujeitos.

Em síntese, as formações imaginárias fazem parte das condições de produção do discurso linguístico, da diversidade linguística. Dos discursos analisados, sobressai-se a defesa de uma homogeneidade linguística. A não aceitação da concordância não padrão, considerada, por sua vez, um “erro” ou um “vício de linguagem”, comprova essa afirmação subentendida nos dois discursos analisados. Essa constatação mostra que os sentidos são produzidos por meio do imaginário, uma parte necessária do “funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder” (ORLANDI, 2020, p. 38).

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. –37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRAGA, M. L. **A concordância de número no sintagma nominal no triângulo mineiro**. 1977. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro -PUC/RJ, Rio de Janeiro,1977.
- BRANDÃO, Helena. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- CARVALHO, R. C. **A concordância de número no sintagma nominal na fala urbana de Rio Branco**. 1997. 182f. Dissertação (Mestrado em Linguística) -Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem -UNICAMP, Campinas, 1997.
- CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Trad. de J.A. Meireles, E. Raposo. Coimbra: Armênio-Amado Editor, 1978.
- CHOMSKY, Noam. **Estruturas sintáticas**. Tradução e comentários de Gabriel de Ávila Othero e Sérgio de Moura Menuzzi. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. – (Coleção de Linguística) Título original: Syntactic structures, 1957.
- FIAMENGUI, Ana Helena Rufo. **A marcação de pluralidade no SN na fala e na escrita de adolescentes da região de São José do Rio Preto**. 2011. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) –Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, João Vitor Cunha. Considerações sobre a realização variável da concordância nominal em Bacabal-MA. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 10, n. 3, nov. 2020. ISSN 2237-6321. Disponível em:



<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2008>. Acesso em: 07 jun. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-32008>.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. 372 f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. ed. 13. Campinas: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, Michel. 'Análise automática do discurso'. Tradução de Eni Orlandi. p. 61-161. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3 ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português**. 555f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

TEIXEIRA, V. P. **Variação linguística e fluxos migratórios**: a concordância nominal de número na fala dos moradores do bairro Campo de Belém do município de Caxias –MA.2017. 124f. Dissertação –Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.